

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Fronteiras da civilização e da nação em Domingo Sarmiento e Euclides da Cunha.

José Lindomar Albuquerque.

Cita:

José Lindomar Albuquerque (2009). *Fronteiras da civilização e da nação em Domingo Sarmiento e Euclides da Cunha*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1212>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/Rdc>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Fronteiras da civilização e da nação em Domingo Sarmiento e Euclides da Cunha

José Lindomar Albuquerque
(UNIFESP)
Joselindomar74@gmail.com

O texto discute a configuração *civilização e barbárie* na construção dos imaginários nacionais da Argentina e do Brasil no século XIX e início do século XX a partir das obras de Domingo Sarmiento e Euclides da Cunha, especialmente *Facundo. Civilización y barbárie en las pampas argentinas* e *Os sertões. Campanha de Canudos*. A percepção das ambigüidades nas narrativas sobre a nação e a civilização são características singularidades deste tipo de pensamento social latino-americano e se constitui em um horizonte de investigação privilegiado. Minha interpretação visa então priorizar uma leitura centrada nas concepções de fronteiras nacionais e civilizacionais: a relação entre a civilização e a barbárie no pensamento ocidental e suas implicações políticas e ideológicas na construção dos imaginários nacionais nestes dois países da América Latina; as fronteiras do sertão e do deserto como formas de construir e destituir um lugar tradicional da nacionalidade e as tensões com as novas imagens da nação.

O pensamento social latino-americano construiu algumas polaridades explicativas das singularidades nacionais e regionais que podem ser apreendidas mediante as metáforas do espelho e do labirinto: civilização e barbárie, centro e periferia, desenvolvimento e subdesenvolvimento. Estas polaridades às vezes refletem as imagens positivas da Europa e dos Estados Unidos a serem

copiadas e reproduzidas no espaço sul americano, mas também simbolizam a percepção aguda das desigualdades econômicas e de poder entre os países e direcionam as análises para a busca de nossa singularidade e nossas alternativas, caminhos e labirintos em busca da tão sonhada modernidade. Espelhos do próspero e labirintos próprios conduzem as narrativas fundacionais da Argentina e do Brasil.

As forças políticas díspares atravessam a história destes dois Estados sul americanos. A Argentina só se unifica com o governo de Bartolomé Mitre em 1862. O que assistimos anteriormente é um amplo campo de batalhas e de idéias entre federais e unitários pelejando constantemente para definir o destino político desta nova nação no sul do continente americano. O livro *Facundo. Civilización y barbarie* se inscreve neste campo de disputa política e ideológica. Por sua vez, o Brasil enquanto Estado nacional nasce sob um governo monárquico que define e garante a unidade do território colonial português. As experiências e lutas separatistas ou federadas são controladas violentamente durante os dois impérios. No final do Império e início da República (1889), presenciamos as disputas entre republicanos de diferentes matizes ideológicas (positivistas, radicais, conservadores etc) e monarquistas defensores do império de D. Pedro II. O contexto da Guerra de Canudos e da escrita do livro *Os sertões* se situa neste momento de disputas, de crenças republicanas e de condenação do “outro” como monarquista.

Os unitários argentinos e os republicanos brasileiros incorporam o discurso de defesa dos ideais da civilização ocidental, principalmente os valores da república, liberdade civil, progresso, ciência etc contra o atraso bárbaro dos federais e dos monarquistas. A configuração civilização e barbárie pode ser pensada neste campo das disputas políticas no contexto de redefinição destes Estados nacionais. Civilização é a auto-imagem de unitários, republicanos, cidadãos, litorâneos e a barbárie é a classificação inferiorizada do “outro”: federais, monarquista, interiorano, rústico, fanático etc.

O conceito de civilização tem sua marca inscrita na história do Ocidente moderno e de sua lógica de expansão e dominação. Civilização é um termo que congrega muitos sentidos, valores, crenças e que contrasta mediante mecanismos de positividade do “nós” e negatividade dos “outros” (barbárie, selvageria, deserto). Para Elias (1994), civilização é a auto-imagem do Ocidente diante de outros povos e culturas. O termo significa tanto estilo de comportamento e de pensamento como processo técnico e científico em expansão. Urbanidade, civilidade, bons costumes, etiqueta social, distinção de classes, refinamento, formas de higiene, progresso, indústria, educação formal, ciência, modernidade. Todos estes termos estão condensados nesta expressão polissêmica e híbrida, pois civilização congrega valores profanos e sagrados, muitas vezes se

apresenta como “missão salvadora” do “outro”, visto como rural, atrasado, parado no tempo, rústico. Um gesto nobre diante dos vilões, dos bárbaros e dos selvagens.

Esta idéia-força, que configurou as imagens nacionais da França e da Inglaterra desde o século XVIII, está presente na construção dos imaginários nacionais da Argentina e do Brasil. No caso brasileiro, são inúmeras as referências e discursos que apontam o império como uma espécie de civilização nos trópicos em contraste, muitas vezes, com as repúblicas “caudilhistas” e “bárbaras” dos países vizinhos. Na Argentina, desde o contexto de Independência, as idéias da civilização européia (francesa e inglesa) são idolatradas pelos líderes da independência e pelos primeiros governos unitários¹. As tensões entre monarquistas e republicanos no início da República brasileira e as lutas políticas entre unitários e federais na Argentina durante o século XIX alimentam as pulsações, projeções, desânimos e ânimos dos dois escritores analisados.

As interpretações sobre essa duas obras clássicas do pensamento político e social destes dois países são inúmeras e acompanham as mudanças literárias, historiográficas, sociológicas e políticas das respectivas nações². As recepções iniciais de *Facundo* estavam presas ao debate político argentino do século XIX e disputavam as mentes de unitários e federalistas no processo de construção do Estado nacional argentino. A partir de 1911, o nacionalismo cultural argentino promove uma releitura de *Facundo*, acentuando particularmente suas características literárias e nacionais. Há um recuo da interpretação sociológica e histórica do texto centrada na polaridade civilização versus barbárie. Este processo de revisão histórica faz uma releitura do gaúcho e transforma tanto *Facundo* como *Martin Fierro*, de *José Hernández*, em livros literários clássicos e de maior expressão da nacionalidade argentina³. Movimentos artísticos e literários posteriores dialogam com este período conflituoso de fundação do Estado nacional e se apropriam de maneira variada deste ensaio argentino venerado e criticado por diversas gerações.

Os sertões, de Euclides da Cunha, também pode ser considerado “um clássico de nascença”⁴. Imediatamente após sua publicação já gerou inúmeros comentários e leituras sobre a formação do Brasil e a especificidade da guerra de Canudos. Este livro foi também lido de diferentes formas por distintas gerações. Das críticas e das apologias ao estilo de escrita, as leituras desenvolvimentistas dos anos 1950, até as leituras mais recentes que priorizam as ambigüidades e as metáforas expressas

¹ SHUMWAY, Nicolás. *A Invenção da Argentina. História de uma idéia*. São Paulo: EDUSP, 2008.

² GARATE, Miriam. *Civilização e barbárie n'Os sertões entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

³ PRADO, Maria Ligia Coelho. Para ler o *Facundo* de Sarmiento. In: _____. *América Latina no século XIX: Tramas, telas e textos*. São Paulo: Edusp, 2004.

⁴ A expressão “clássico de nascença” foi dita por Antonio Candido em referência ao livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.

neste texto literário onde germinam novos pensamentos e sentidos de perceber idéias que ultrapassam os determinismos físicos e raciais.

As tradições intelectuais consagram estes dois livros em suas respectivas fronteiras nacionais. São poucas as leituras críticas do pensamento de Sarmiento no Brasil, bem como de interpretações do pensamento de Euclides da Cunha na Argentina. Entretanto, já percebemos um número razoável de leituras no Brasil fazendo comparações pontuais ou mais substantivas entre essas duas obras. Para o leitor e estudioso brasileiro, a polaridade entre civilização e barbárie se constitui em uma aproximação imediata que possibilita comparações e debates sobre o significado desta configuração na explicação das imagens nacionais destes dois países.

Minha perspectiva comparativa também principia por este par de conceitos valorativos. De uma maneira imediata e pouco matizada, percebemos que em Sarmiento a dicotomia civilização versus barbárie se apresenta exemplificada na relação entre cidade e campanha, o mundo urbano e os pampas e planícies argentinas, a vida européia e a vida indígena e americana⁵. As cidades lutaram contra o domínio espanhol no contexto da independência. Em seguida, os caudilhos dos pampas lutaram contra as cidades e estariam eliminando a vida civilizada. Os espaços rurais ficam desertos, formam-se travessias mais longas onde não se encontram pessoas, água, vegetação ou comida. Em um sentido normativo e de programa político, seria necessária a vitória da civilização (cidade, educação, ciência, tecnologia, comércio livre, ideais liberais) européia sobre a barbárie (violência, isolamento, dispersão, escravidão, estupidez) dos campos na construção da moderna nação argentina. É necessário destruir o isolamento, a dispersão dos pampas, criar uma *res publica* neste imenso território de uma Argentina “una e indivisível”. Para isso, o projeto político seria fundamentalmente mediante o incentivo a imigração européia.

As imagens dos campos argentinos são constantemente aproximadas com as representações que o autor faz do mundo oriental, imagens construídas a partir de livros lidos e citados como epígrafes ao longo do texto. Desta forma, os gaúchos são comparados aos beduínos e seus cavalos nas travessias dos desertos, as montanhas e planícies da província de La Rioja com as terras da Palestina, há uma aproximação entre a organização patriarcal dos gaúchos e dos árabes. Enfim, existe uma constante comparação entre as sociedades que mudam e se organizam politicamente (sociedades ocidentais civilizadas) e sociedades nômades, privadas e atrasadas presas ao um tempo passado (povos bárbaros). Estas representações constantes com o genérico mundo oriental, árabe etc, possibilitam a construção de uma auto-imagem de superioridade e de integração ao mundo

⁵ SARMIENTO, Domingo F. *Facundo: Civilización y barbárie en las pampas argentinas*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, Dirección Cultural de Cultura, 1961. (Proyecto Biblioteca Digital Argentina)

ocidental. Estas comparações fazem parte das estratégias simbólicas dos intelectuais europeus (viajantes, literatos, estudiosos do mundo “oriental” etc) nos séculos XVIII e XIX em construir uma imagem do Oriente como algo homogêneo, atrasado e exótico, estratégias de saber e poder da Europa diante do “outro” a ser colonizado⁶.

Uma leitura apressada do livro *Os Sertões* também pode ser pensada a partir de polaridades semelhantes a estas construídas por Sarmiento. No caso de Euclides, a configuração *civilização e barbárie* se apresentaria na polaridade entre litoral e sertão, as cidades litorâneas, especialmente Rio de Janeiro, e o interior. A civilização apareceria como um movimento inexorável: “Estamos condenados a civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos”⁷. Entretanto, a leitura de Euclides apresenta outros contornos, dilemas, paradoxos e confrontos de idéias e de percepções sobre o Brasil como nação⁸. Se, por um lado, há este movimento de expansão da civilização européia em direção ao interior, ocasionando desequilíbrios e misturas étnicas desestabilizadoras. Por outro lado, o autor percebe no sertanejo, que viveu isolado durante três séculos, o cerne da nacionalidade brasileira. As ambigüidades presentes na descrição do sertanejo, sintetizada na famosa metáfora do Hércules-Quasímodo, bem como sua visão negativa sobre a ação do exército na destruição de Canudos, oferece uma percepção singular da tragédia e do choque entre essas experiências sociais, uma nação dilacerada por valores diferentes nos sertões da Bahia. Uma “civilização bárbara” que destrói estes sertanejos, que resistem e lutam até o fim.

As fronteiras entre civilização e barbárie, razão e fanatismo se diluem neste enorme campo de batalha. A civilização destrói Canudos com a “violência bárbara” da baioneta. Os sertanejos de Canudos usaram armas do exército apreendidas em expedições anteriores para lutarem contra o exército. Neste complexo conflito entre os habitantes de Canudos e o exército republicano, que visava “salvar a República contra os monarquistas do conselheiro”, configurou-se um profundo dilema brasileiro entre a tradição e a modernidade, a nacionalidade expressa em valores originais e as cópias e transplantes vindos dos centros desta civilização ocidental.

A leitura dos sertões centrada nestas contradições e ambigüidades entre a nacionalidade autêntica e os valores inexoráveis da civilização ajuda a percepção de ambigüidades também no próprio texto de Sarmiento. Nas interpretações comparativas, geralmente os intérpretes enfatizam algumas diferenças entre estas duas interpretações sobre a figuração civilização e barbárie:

⁶ SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: companhia das Letras, 2007

⁷ CUNHA, Euclides da Cunha. *Os sertões: Campanha de Canudos*. 39 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora; Publifolha, 2000, p. 65.

⁸ REZENDE, Maria José. Os sertões e os (des) caminhos da mudança social no Brasil. *Tempo Social*. Ver. Sociologia da USP. São Paulo, 13 (2): 201-226, novembro de 2001.

Sarmiento não foi um testemunho ocular da história como Euclides, visto que escreveu Facundo vivendo no exílio no Chile e não conhecia nem os pampas e nem Buenos Aires. Euclides narrou várias contradições e ambigüidades só possíveis na lucidez da descrença das idéias consagradas de civilização. Sarmiento foi um crente permanente nestes valores europeus e norte-americanos e seu texto teria uma conotação de manifesto político a favor dos unitários e contra os federais.

Entretanto, é possível perceber algumas variações nestas polaridades. Polaridades construídas na lógica política do amigo e do inimigo, da denúncia e da acusação. Na apresentação do homem que vive nas paisagens infinitas e distantes, o autor apresenta alguns tipos de gaúchos (cantor, vaqueano, rastreador, gaúcho mau) e em suas descrições às vezes elogia determinadas características de saberes, esperteza, valentia, altivez. Estas características seriam específicas da nação argentina. Ao destacar que os caracteres singulares do argentino se encontram no gaúcho, o autor estaria também vendo a originalidade da nação neste espaço rural, embora em nenhum momento tematize com tal dramaticidade como faz Euclides. Na descrição das lutas de famílias entre Dávila e Ocampos na região de La Rioja, Sarmiento percebe que destas lutas bárbaras podem brotar elementos civilizacionais, já que nestas duas famílias as disputas ocorrem também no mundo das letras, dos títulos e dos cargos públicos. Na narrativa da história de Facundo Quiroga, figura singular e representativa do gaúcho, dos caudilhos e dos federais, apresenta várias cenas de sua vida bárbara (violência, assassinatos, jogos, trapaças, chefe de campanha etc). Entretanto, descreve também sua coragem e valentia, especialmente em seu momento de morte e de consagração mitológica. Haveria, portanto, duas imagens de Facundo: uma representação negativa de um caudilho instintivo, irracional e violento, e uma positiva, que vai se esboçando ao poucos ao longo da narrativa, de um “porta-voz razoável, racional, das reivindicações pró-civilizatórias e pró-institucionais das províncias do interior”⁹.

Há gestos nobres na vida bárbara, assim como civilizações de tipos diferentes na Argentina de seu tempo. A civilização não é, portanto, algo homogêneo e fruto somente da nação francesa e inglesa. A comparação entre a cidade de Córdoba e Buenos Aires possibilita a construção destas duas imagens de civilização. Córdoba é espanhola, escolástica e monacal. Presa ao tempo medieval e voltada para sua dimensão interior, um claustro de civilização estática rodeado de barbáries campestres por todos os lados. Já Buenos Aires representa o que há de mais dinâmico em termos de civilização e abertura para os principais centros europeus. Cidade portuária que recebe influências e pessoas variadas das nações mais progressistas e que se caracteriza como um centro irradiador para as cidades das províncias interioranas. Entretanto, o governo dos federais estaria transformando Buenos Aires em uma cidade atrasada, mesquinha e fundada na propriedade

⁹ GARATE., Op.cit, p. 164

fundiária e na pecuária. Apesar disso, esta cidade não iria se barbarizar como outras cidades do interior e inclusive estaria civilizando Rosas em algumas atitudes.

Facundo. Civilización y barbárie en las pampas argentinas e Os sertões. Campanha de Canudos podem ser vistos como duas narrativas de construções nacionais. Ambas começam descrevendo os cenários (terra) como unidades de múltiplas diferenças, apresentam o homem neste espaço (sertanejo e gaúcho) e narram suas aventuras, lutas e tragédias. Sarmiento e Euclides percebem os valores específicos da nacionalidade neste campo da “barbárie”, constroem tipos sociais e narram histórias singulares e exemplares (Antonio Conselheiro e Facundo Quiroga).

Euclides, desencantado como os valores republicanos e civilizacionais, acentua as contradições do processo histórico brasileiro e enfatiza a singularidade nacional da figura do sertanejo. Ademais, descreve tipos regionais opostos. O sertanejo é descrito em seus contrastes e sua relação com a terra seca dos sertões que se esvaziam. O sertanejo do Norte é apresentado no contraste direto com o gaúcho dos pampas do Sul, visto com “feição mais cavalheirosa e atraente”. O gaúcho é, portanto, aventureiro, jovial, valente e fanfarrão e as vestes são trajes de festa que “podem atravessar sem vexame os vilarejos em festa”¹⁰. A imagem positiva que Euclides faz do gaúcho do Sul do Brasil contrasta com a imagem negativa que Sarmiento faz do gaúcho argentino. Desta forma, o gaúcho dos desertos da Argentina e do sul do Brasil sintetiza as ambigüidades das imagens nacionais e regionais, positivas e negativas sobre nossas singularidades culturais no sul do continente americano. Os olhares cruzados dos dois autores para este tipo social- o gaúcho - traduzem estas duas narrativas que aproximam e contrastam as paisagens do Brasil e da Argentina, o sertão da Bahia e o deserto dos pampas e das travessias da província de La Rioja.

A representação da fronteira em movimento se constitui em uma imagem poderosa para pensar as configurações nacionais da Argentina e do Brasil. A fronteira entre a civilização e a barbárie não se configuram como dois mundos distantes e incomunicáveis, como pode transparecer em alguns trechos dos livros de Sarmiento e Euclides da Cunha. A fronteira pode ser também entendida como passagem, zona de contato, de hibridismo, de travessias que cruzam estes espaços simbólicos pensados muitas vezes em suas polaridades interditas. Ambos os autores descrevem tipos nacionais e regionais que estão do outro lado da fronteira da civilização (sertanejo, gaúcho), mas que por sua vez este “outro” simboliza a especificidade nacional. Entretanto, este “outro” que está na iminência de ser incorporado pela marcha inexorável da civilização é produto mestiço de outras frentes de expansão anteriores, em que ocupavam posições dominantes na conquista do território colonial. Os sertanejos como descendentes dos bandeirantes que exploraram os sertões da Bahia em séculos anteriores e os gaúchos como herdeiros dos

¹⁰ CUNHA, Op. cit, p. 101.

colonizadores espanhóis das planícies do Vice-reinado do Rio da Prata. Nesta configuração, presenciemos a complexa fronteira entre civilização e nação. A nação pode ser vista tanto como algo que se constrói em oposição à civilização, como também algo que se define como expressão máxima destes valores da civilização ocidental.